BOM DIA FURG 10.09.1992

Bom dia, Rio Grande, 10 de setembro de 1992, quinta-feira. Os destaques do Bom Dia FURG de hoje. Especialista em carvão faz palestra hoje no Campo Cidade.

Estão abertas inscrições para o curso sobre operação em micros PC e uma entrevista com a professora Ilda Lontra, a única doutora do Departamento de Letras e Artes. É o Bom Dia FURG de São 370. Está sendo preparado o curso Tópicos de Operação de Micros PC e Software Usuais, a ser ministrado pelo professor Ricardo Pretes, do Departamento de Química.

Este departamento, juntamente com a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, é quem está promovendo o curso, aberto à comunidade. A carga horária é de 10 horas aula, sempre às segundas e quartas-feiras, das 17h30 às 19h. Este curso iniciará no dia 21 deste mês.

As inscrições estão abertas no pavilhão 8, Campo Cidade, na Fundação para o Desenvolvimento da Ciência. Está confirmada para hoje a convite da Universidade do Rio Grande a vinda à Rio Grande da doutora Elina Bastos Camarão, que é especialista em nível nacional em alcatrão de carvão extraído no país. A especialista profere palestra nesta manhã, às 10h, na sala 021 do Campo Cidade, abordando o tema Perspectivas de Aproveitamento de Produtos de Alcatrão de Carvão na Indústria Química.

A palestra é aberta a todos os interessados. Na parte da tarde, um grupo de pesquisadores da Universidade do Rio Grande, também da Universidade Católica e da Universidade Federal de Pelotas e da Escola Técnica Federal de Pelotas, integrantes do projeto Polo Carboquímico do Sul, vai se reunir com a doutora Elina Camarão para a elaboração de linhas de pesquisa, objetivando a participação efetiva na implantação do Polo Carboquímico de Candiota, considerada a maior jazida de carvão mineral do país. O grupo de Carboquímica Zona Sul é integrado pelas Universidades de Rio Grande, Pelotas, Bagé e Núcleo de Estudos do Carvão Candiota-Bagé, congregando também subgrupos que trabalham nas áreas de aproveitamento dos dejeitos do carvão, cerâmicas e cinzas, alcatrão e fármacos, xisto, betuminoso e turfa.

A FURG participa das fases de aproveitamento dos dejeitos do carvão, aproveitamento das cinzas e do alcatrão, trabalho que é coordenado pelos professores Dulce Helena Porto Meirelles Leite, Cláudio Renato Rodrigues Dias e Leila Juliano. A FURG também conta com um grupo de professores participando nos grupos de estudos do meio ambiente e aspectos econômicos do Polo. Está conosco no estúdio do Bom Dia FURG hoje a professora Ilda Lontra, que é do Departamento de Letras e Artes da Universidade do Rio Grande.

A professora Ilda é a única doutora no Departamento de Letras e Artes. Ela concluiu sua tese de doutorado há quanto tempo, professora? Bom dia! Bom dia! Eu concluí a tese de doutorado em outubro de 1991 e defendia em maio de 92. Uma pesquisa feita na nossa região escolar da 18ª Delegacia de Educação envolvendo escolas de segundo grau, só escolas públicas de Rio

Grande, Santa Vitória do Palmar e São José do Norte.

Essa tese a senhora estudou durante quanto tempo? Chama a atenção, em primeiro lugar, o fato de a senhora ser a única doutora do Departamento de Letras e Artes. Isso é uma... Foi uma vontade própria. A senhora já vinha trabalhando nessa tese há quanto tempo? E durante quanto tempo ela foi desenvolvida realmente? Olha, Rosânia, se situa da seguinte forma.

O fato de eu ter sido a primeira doutora em Letras aqui no Departamento de Letras e Artes da Universidade do Rio Grande e aqui na nossa cidade, é apenas uma contingência temporal, porque eu tenho um colega, inclusive o professor Carlos Alexandre Baumgarten, que já seria um doutor há muito mais tempo, porque vem pesquisando há muito mais tempo. No entanto, em 1988, quando eu me afastei para concluir os estudos, fazer o doutorado, depois de ter concluído o mestrado há sete anos, eu retornei aos estudos para fazer o doutorado, eu saí, concluí os créditos das disciplinas e consegui terminar no tempo normal, no tempo de quatro anos, uma pesquisa que me deu o título de doutor antes de outros colegas. Mas só essa circunstância temporal é que me dá, como é que vou te dizer, o privilégio de ter sido a primeira.

Mas nós temos uma equipe lá na universidade, junto ao Departamento de Letras, o núcleo de pesquisas literárias, aonde já está prestes a defender a tese do professor Carlos Alexandre, aonde se situa também a professora Aracia Ernest Pereira, que está também na conclusão do seu doutorado, apenas eu terminei um pouquinho mais cedo. A tendência, então, é aperfeiçoar realmente todo o quadro do departamento, né? Se não é uma tendência, é um grande desejo. Favorecer que as pessoas saiam, quem quer sair, estudem, aprimorem e voltem para as suas localidades de origem para renovar, trazer coisas novas, melhorar a qualidade, em última análise, do ensino que é administrado na Universidade do Rio Grande.

Professora, então explique melhor o que foi a sua tese. Por que a senhora escolheu esta tese e como é que ela foi desenvolvida? Bom, o título da minha tese se chama Consciência e Arte. E quem está nos ouvindo pode pensar assim, consciência ou com ciência e com arte? Ele é polifônico exatamente para juntar o ensino da literatura no segundo grau a um aspecto científico, a um aspecto artístico e muito marcado pela conscientização que deve estar impressa nas atividades docentes e discentes, no caso.

O ensino da literatura no segundo grau foi desenvolvido aqui, como eu já falei, na região da 18ª Delegacia de Educação, cinco escolas públicas de segundo grau. Lemo Júnior, Juvenal Miller, Getúlio Vargas, em Rio Grande. O Colégio Estadual de Segundo Grau de Santa Vitória do Palmar e também a Escola de Segundo Grau de São José do Norte, desenvolvendo uma pesquisa sobre o ensino da literatura com objetivos.

Primeiro, mudar a sistemática como é desenvolvido o ensino de literatura em segundo grau, que os alunos consideram, da forma como cotidianamente é feito, cansativo, monótono, desinteressante, desestimulante e sem eles perceberem uma finalidade. Segundo, propor uma

metodologia nova para esse ensino de literatura de forma que conciliasse prazer de estudar literatura com senso crítico, com a leitura crítica. Então, o trabalho que nós fizemos foi desenvolver uma experiência com 202 alunos no sentido de que eles tivessem uma metodologia para o ensino de literatura, mas concebido como leitura crítica de textos.

Costumeiramente fala-se, é preciso fazer leitores críticos. A literatura deve favorecer o desenvolvimento do senso crítico, mas como fazer esse desenvolvimento do senso crítico? Sim, não basta colocar uma pilha de livros na frente de uma criança. Exatamente.

Então, esse foi o nosso propósito. Desenvolver uma sistemática de trabalho formando leitores críticos. E foi muito bem recebida a experiência.

Os resultados foram extraordinários. E nós, no caso eu, sem a muita modéstia, chegamos até a uma coisa que não existe no Brasil, que é uma teoria da leitura da literatura. Isso não existe, visando a uma leitura crítica.

O que é uma leitura crítica? E como se faz, como se chega a uma leitura crítica? Este foi o grande gol da nossa pesquisa. Além de ter entusiasmado, motivado muitos alunos. Sim, e junto a essas escolas, esse trabalho continua ou não? O trabalho continuou.

Já ao término da pesquisa, que foi feita em 1990, nos anos de 89 e 90, ao término da pesquisa, nós continuamos trabalhando com os professores de segundo grau em forma de um curso de pós-graduação, nível de especialização para professores de literatura. Continua em termos, eu te digo. Devido à própria conjuntura nacional, nós temos que considerar as instabilidades em que vive todo o sistema educacional do Brasil.

É muito difícil nós fazermos um trabalho que seja um pouquinho mais do que simples reprodução, que seja renovação, um trabalho que seja prazer junto com a tarefa educativa. É difícil e até despendioso. Implica leituras, implica aquisição de livros, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos.

E a nossa conjuntura econômica, política, educacional brasileira não favorece isso. Então, hoje, eu não sei te dizer com precisão se os professores que estão na escola têm conhecimento, continuam agindo desta forma como conheceram, se voltaram para a rotina, mas esse é um trabalho que deve ser retomado, deve ser impulsionado e deve ser levado adiante, principalmente porque os alunos gostaram muito. E deve ser aplicado também, por exemplo, nas suas aulas, junto ao pessoal de terceiro grau.

Sem sombra de dúvida. No curso de letras, não só a literatura, mas também a leitura de textos informativos dentro da disciplina de língua portuguesa, já está se expandindo esta metodologia e agora, com muita gratificação, a Universidade do Rio Grande está oferecendo um curso sobre uma releitura da cultura norte-americana com as professoras Eliane e Maria Cristina Borba. Então, nós estamos oferecendo este curso para pessoas da comunidade, professores, todo

voltado à realidade norte-americana da cultura, da expressão literária e cultural norte-americana.

E, para minha surpresa, as professoras e essas colegas estão usando a mesma taxonomia, a mesma teoria da leitura crítica que foi desenvolvida pela minha tese. Quer dizer que são frutos que vão dando. Em educação, toda semeadura colhe frutos a longo prazo.

Não se planta em educação salsa, que em 20 dias você já está escolhendo salsa do seu canteiro. Na educação é semear abacateiros, no mínimo 9 anos para comer um abacate. Quer dizer, já estamos vendo os raminhos, as folhas, os verdes brotando, mas os frutos maiores virão a longo prazo.

Professora, para finalizar, uma criança, uma hipótese, vamos colocar uma situação hipotética, uma criança que não tenha tido o hábito de leitura em casa. Ela entra na escola, geralmente com 6, 7 anos. Ela vai, nos primeiros anos, ela ainda não tem uma leitura, claro, ela está se alfabetizando.

Bom, não tem uma leitura costumeira. Depois, quando já está nas séries, lá na quarta, quinta, sexta série, ela ainda tem como ser uma leitora em potencial, uma leitora crítica em potencial? Aí nós vamos entrar no conceito de leitura. E o referencial teórico da tese que eu desenvolvi está fundado em Paulo Freire.

A criança, ela é leitora desde que nasce. Ela lê até o sabor do seio materno. O cheiro da mãe ela identifica, isso é leitura.

Nesta concepção ampla de leitura, nunca há limites e não há término do processo de formação do leitor. Nós estamos lendo todos os dias, todo mundo, toda circunstância que nos envolve, mesmo que sejamos analfabetos, que não dominemos o código escrito. Voltando especificamente à sua pergunta, na terceira, na quarta, na quinta, na oitava série do primeiro grau, segundo e pela vida fora, se uma pessoa não tem o hábito sistemático de ler livros de ficção, ela pode vir a gostar desse tipo de literatura, ela pode se entusiasmar ou já está perdido o tempo.

Ela pode se entusiasmar, ela pode se tornar um excelente leitor. Não está perdido o tempo. É um processo que deve ser, usando a metáfora que me vali agora pouco, semeado.

Então, se ele não tinha, se suponhamos uma criança de um nível socioeducacional, cultural, muito carente, que não tenha livros em casa e não teve oportunidade de até rasgar os livros, que é uma forma de ler, ou colecionar, guardar, esconder, tudo são formas de leitura. Se ela não teve esse contato com o livro em casa e não teve nas séries iniciais da escola, ela pode ter a chance de se tornar um bom leitor, porque ela entrar em contato. Entrar em contato com.

É como se usasse óculos. De repente, tu olhas o mundo e tu achas que tu enxergas bem, mas um dia tu pões os óculos e tu vês que podes enxergar muito melhor. E o contato com o livro é

este óculos que vai te ver o mundo melhor de outras formas.

Muito obrigada, então, pelo ótimo papo. Aqui é a professora Ayuda Alontra do Departamento de Letras e Artes da Universidade do Rio Grande. Obrigada pela cortesia de me receber.

Informação no Bom Dia FURG de hoje é que nesta sexta-feira este programa vai iniciar mais cedo, às 7 horas e 30 minutos, com reprise às 11 horas e 30 minutos. O programa vai ouvir as propostas dos dois candidatos à reitoria que ainda faltam, os professores Carlos Rodolfo Hartmann, da Chapa 2, e o professor Fernando Lopes Pedoni, da Chapa 1. Após a sexta-feira, não será mais possível falar sobre as propostas, já que a consulta à comunidade universitária acontece na segunda e na terça-feira, da semana que vem. Nós retornamos amanhã.

Até lá.